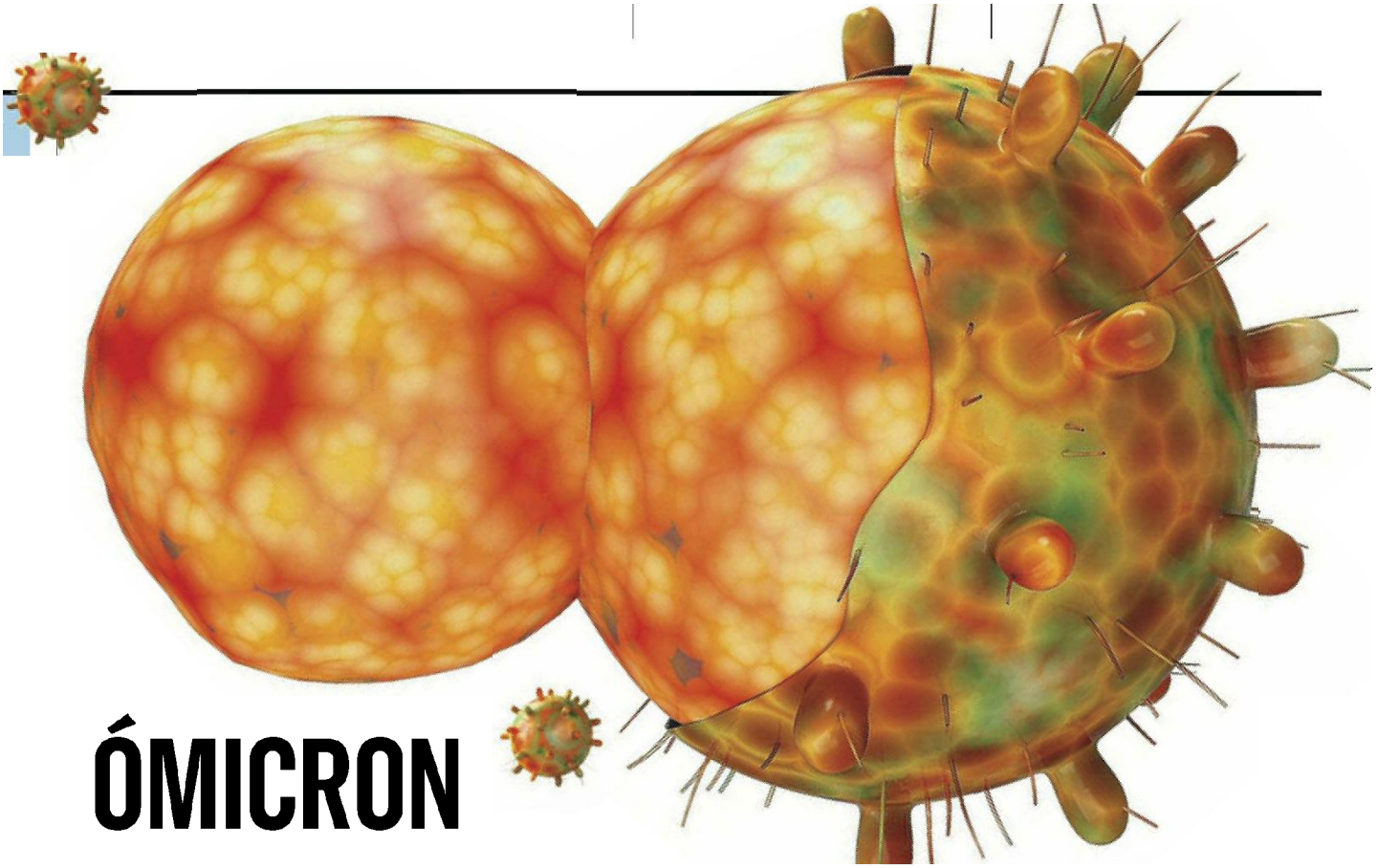
Data: 04.12.2021
Titulo: O QUE SABEMOS E O QUE AINDA FALTA SABER
Pub: Expresso
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Destaque
Pág: 3;14



ÓMICRON

O QUE SABEMOS E O QUE AINDA FALTA SABER

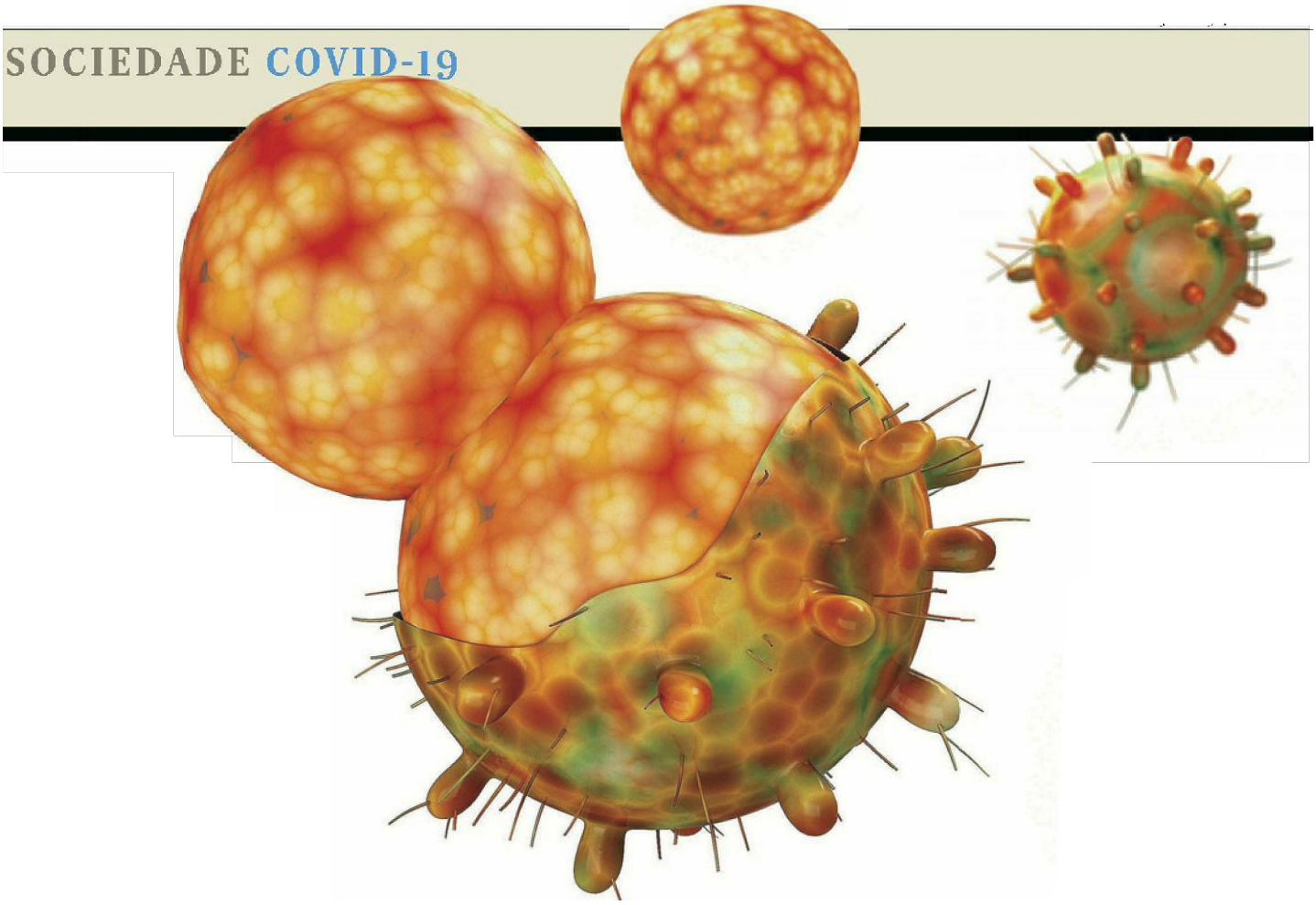
P14

Área: 1583cm²/ 61%
Tiragem: 123.400
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7288718

Data: 04.12.2021
Titulo: O QUE SABEMOS E O QUE AINDA FALTA SABER
Pub: Expresso
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Destaque
Pág: 3;14

QuickCom comunicação integrada

Área: 1583cm²/ 61%
Tiragem: 123.400
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7288718



Vírus Uma variante descoberta na África do Sul trouxe consigo dúvidas e incógnitas que só a ciência poderá desfazer. Com tempo

O que sabemos e não sabemos da Ómicron

Data: 04.12.2021
Titulo: O QUE SABEMOS E O QUE AINDA FALTA SABER
Pub: Expresso
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Destaque
Pág: 3;14

Área: 1583cm²/ 61%
Tiragem: 123.400
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7288718

TIAGO SOARES

Chamaram-lhe Ómicron. A Organização Mundial de Saúde (OMS) deu este nome à nova variante do SARS-CoV-2 usando a 15ª letra do alfabeto grego (o), seguindo a prática comum durante esta pandemia. No entanto, foi a primeira vez que a ordem foi alterada. Saltaram duas letras: a nu (ν, o 'n' grego), para não ser confundida com a palavra *new* (novo, em inglês), e a letra xi (ξ), evitada por "Xi" ser também o apelido do Presidente da China, precisamente o país onde a pandemia começou, há dois anos. E quando o mundo já se desabituava da Delta, a Ómicron assumiu-se como a nova "variante de preocupação" e já se espalhou pelo mundo. Há sinais inquietantes, outros reconfortantes, mas sobretudo muitas dúvidas e poucas certezas. O conhecimento está a ser adquirido em direto.

FEDERAÇÃO "FEIA" DE MUTAÇÕES

Até agora, a Ómicron já foi confirmada em pelo menos 24 países a nível mundial — incluindo Portugal, onde é responsável por pelo menos 19 casos positivos de covid-19. Foi anunciada na África do Sul há menos de duas semanas; os cientistas analisaram o código genético desta variante e descobriram 50 mutações, um número recorde até agora. "A Ómicron tem muitas mutações, quando comparada com outras estirpes. Nem todas as mutações são novas, mas esta reuniu várias num só vírus. É uma federação de mutações", começa por dizer Miguel Castanho, investigador no Instituto de Medicina Molecular.

"É factual que a Ómicron, em termos genéticos, é muito feia", corrobora o médico de saúde pública Bernardo Gomes. O SARS-CoV-2 sofre mutações constantemente, mas desta vez os cientistas ficaram mais preocupados, pois das 50 mutações, 30 são na proteína Spike, que é a porta de entrada do vírus nas células do corpo humano, e, destas 30, 26 são mutações únicas, que nunca tinham sido vistas. A variante Delta, por exemplo, tem apenas 10 mutações únicas e a variante Beta ainda menos (seis).

DÚVIDAS E O TEMPO DA CIÊNCIA

Os efeitos desta variante vão ser determinados por três fatores: a sua capacidade de transmissão, a capacidade que tem para invadir as defesas imunitárias adquiridas pela população através das vacinas ou de uma exposição prévia ao vírus e a severidade (ou gravidade) da doença de quem está infetado pela Ómicron.

Devido ao elevado número de mutações e à rapidez com que se está a propagar na África do Sul, onde já é predominante, em detrimento da variante Delta, "há uma probabilidade de a Ómicron ter características que lhe permitem escapar às defesas do sistema imunitário humano", explica Bernardo Gomes.

O número de hospitalizações por covid-19 na província de Gauteng, onde a Ómicron foi inicialmente detetada, disparou 144% na última semana, duplicando aproximadamente a cada seis dias. A nível nacional, a África do Sul passou de cerca de 300 casos por dia (há cerca de duas semanas) para 11.535 novos casos esta quinta-feira (8561 na quarta e 4373 na terça). "Acreditamos que o número de casos vai aumentar exponencialmente em todas as províncias do país", disse Anne von Gottberg, do centro de doenças infecciosas sul-africano. Em 10 dias, a taxa de positividade passou de 2% para 22,5%.

Para Bernardo Gomes, a severidade da doença causada pela Ómicron é a principal dúvida em torno desta variante — no caso da Delta, foi dos últimos fatores que os cientistas conseguiram determinar. Assim, o perito pede "máxima prudência", pois, apesar de os casos detetados em África serem sobretudo referentes a jovens, por norma afetados de forma mais ligeira, é preciso recolher mais informação clínica sobre as infeções que vão sendo confirmadas.

Estas dúvidas serão esclarecidas nas próximas semanas, quando os cientistas tiverem mais dados. Mas isso demora tempo. "As pessoas estão a ficar infetadas agora. É preciso distinguir entre grupos subpopulacionais (como vacinados e não-vacinados) e esquematizar tudo para retirar conclusões", explica Miguel Castanho.

AS VACINAS

Mais informação vai também ajudar a perceber o grau de resistência da Ómicron às vacinas — e se é necessário alterá-las para combater esta nova versão do SARS-CoV-2. "É provável que esta variante provoque alguma diminuição da efetividade da vacina, em concreto nos níveis de anticorpos", diz o virologista Paulo Paixão. Mesmo que a imunidade celular (as chamadas células T, que também protegem contra o vírus) se mantenha alta, o perito acha "sensato começar a adaptar as atuais vacinas à Ómicron".

A BioNTech (responsável pela vacina da Pfizer) e a Moderna [ler entrevista na página 16] dizem que precisam de 100 dias para ajustar as suas vacinas. O processo de incluir as novas mutações será "relativamente simples" e "exequível" no prazo avançado pelas farmacêuticas, aponta Paulo Paixão. No entanto, Miguel Castanho alerta: depois de chegarem a uma nova versão, os fabricantes vão ter que produzi-la em massa e começar a distribuí-la. "Esse processo irá demorar vários meses, o que, em termos de multiplicação viral, é um período relativamente longo. A situação pode piorar entretanto."

"O FECHO DE FRONTEIRAS TEM EFEITO APENAS A CURTO PRAZO", ANALISA MILTON SEVERO, EPIDEMIOLOGISTA E BIOESTATÍSTICO

RESTRIÇÕES DE VIAGENS?

Data: 04.12.2021
Titulo: O QUE SABEMOS E O QUE AINDA FALTA SABER
Pub: Expresso
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Destaque
Pág: 3;14

Área: 1583cm²/ 61%
Tiragem: 123.400
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7288718

Imediatamente após a Omicron ter sido detetada, Reino Unido, União Europeia e Japão suspenderam os voos de e para a África Austral e apertaram as medidas de controlo nos aeroportos. "Estes mecanismos têm algum efeito, mas apenas a curto prazo, para atrasar a disseminação da variante caso esta esteja efetivamente concentrada numa determinada área geográfica", afirma Bernardo Gomes. Milton Severo, epidemiologista e bioestatístico do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), lembra que fechar fronteiras resultou em países como a Austrália e a Nova Zelândia, mas que ambos são ilhas e por isso já naturalmente isolados. "No caso de países com fronteira terrestre, a política de fechar as fronteiras terá um efeito menor", assegura.

ÁFRICA INJUSTIÇADA

A longo prazo, restringir a mobilidade não é sustentável e tem um preço elevado, porque dá um sinal errado aos países que se esforçaram para detetar as variantes — neste caso a África do Sul. "O país fez um trabalho rápido e foi penalizado internacionalmente por isso", lamenta Bernardo Gomes. A descoberta sul-africana é "extraordinária" e só foi possível graças à capacidade técnica dos cientistas locais na sequenciação do genoma do vírus, diz Carlos Lopes, alto representante da União Africana para a UE. "Mais uma vez, tratou-se o vírus e a variante em função do passaporte, e não da transmissibilidade", assegura o responsável.

As restrições de viagens aplicadas pelo mundo ocidental a África estão a ter consequências no combate à pandemia: "Tive a informação de que 75% da carga transportada para a África do Sul está na 'barriga' de aviões comerciais/de passageiros. Isto quer dizer que, se não se estão a realizar os voos comerciais, 75% da nossa carga está perdida. Ao perdermos os voos comerciais, deixamos de ter acesso à importação de importantes reagentes, medicamentos, vacinas, material de proteção individual", escreveu no Twitter Tulio de Oliveira, diretor do Centro para a Inovação e Resposta Epidémica (CERI) na África do Sul. Tulio é justamente o investigador que na semana passada deu a conhecer a nova variante ao mundo.

Susana Silva, epidemiologista social no ISPUP, lembra que as decisões políticas também são influenciadas pela "predisposição da sociedade para o exercício da solidariedade". Ou seja, é crucial evitar "práticas discriminatórias e estigmatizantes direcionadas a determinados grupos sociais considerados culpados pela disseminação do vírus", garante a perita. Lembrando que África não tem sido bem tratada pelos países ocidentais e pelos fabricantes das vacinas, Carlos Lopes insiste: "Com os níveis de mobilidade que existem hoje no planeta, temos de pensar numa imunidade de grupo à escala mundial."

NÃO VOLTAMOS À ESTACA ZERO

Tendo em conta os sinais preocupantes e o cenário de incerteza, é difícil acreditar que a Ómicron possa acabar por se revelar uma boa notícia. Mas essa possibilidade existe. "A Ómicron até pode ser mais transmissível mas causar doença menos grave. As variantes que se tendem a impor são as que se multiplicam muito mas que não comprometem o hospedeiro", explica Miguel Castanho. Esta tendência é comum a todos os vírus, embora não tenha acontecido no caso do SARS-CoV-2. "Ainda não chegámos ao ponto ideal de ter uma variante muito transmissível mas que não faça dano às pessoas. E a Ómicron até pode ser isso: uma porta para sair da pandemia", imagina o investigador.

Mais uma vez, cautela. "Ainda não sabemos se esse equilíbrio entre infeções continuadas e consequências clínicas menores chegará com esta variante", corrobora Bernardo Gomes, antes de dar uma certeza: a vacinação e a exposição ao vírus permite-nos não ter de "voltar à estaca zero" na luta contra ele.

"A PANDEMIA NÃO ACABOU"

"Se esta nova variante pudesse falar, estaria a dizer que a pandemia ainda não acabou", resume Miguel Castanho. Esta não foi a ideia passada em julho, quando em plena campanha eleitoral António Costa prometeu a "libertação total da sociedade" no final do verão. "A promessa de libertação total foi vista implicitamente como o fim da pandemia. Foi comunicado o que as pessoas queriam ouvir e é natural que o discurso político reflita a vontade dos cidadãos", diz Rui Gaspar, presidente da Sociedade Europeia de Análise de Riscos e especialista em comunicação de crise. Ora, "esta variante veio mostrar que não podemos assumir o fim da pandemia, porque, se calhar, nunca estaremos totalmente livres deste vírus", acrescenta.

Esta semana, António Costa e Graça Freitas admitiram a necessidade de medidas adicionais para controlar a pandemia. "Na verdade, deveria ser comunicado que nada muda. Há uma nova variante, mas os comportamentos individuais de proteção devem ser mantidos", afirma Rui Gaspar, apontando que isso pode ajudar a "diminuir o medo" trazido pela incerteza à volta da Ómicron.

tsoares@expresso.impresa.pt